

---

## Possibilidades reflexivas sobre as imagens de controle e imagens de liberdade de pessoas negras em telenovelas da Rede Globo em 2023<sup>1</sup>

Pedro Henrique CONCEIÇÃO DOS SANTOS<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### RESUMO

Em nosso artigo, discutimos sobre como produtos da mídia hegemônica podem, ou não, apresentar tanto imagens de controle (Collins, [2000], 2019), quanto imagens de liberdade (Moura Mendes Guilherme, 2022) de pessoas negras em telenovelas. Escolhemos a emissora Rede Globo e suas novelas vigentes nos horários da tarde e noite como objetos de nossa investigação. O principal objetivo é demonstrar o fluxo de imagens de controle de novelas antigas e reprisadas e possibilidades de possíveis imagens de liberdade de telenovelas contemporâneas. Partimos da hipótese de que devido ao reposicionamento da empresa, pautas de movimentos sociais têm ganhado espaço na emissora. Como resultado prévio, indicamos que a possibilidade de imagens de liberdade não acontece na mídia hegemônica, uma vez que a representatividade é capturada como moeda de troca que não garante a solução das disparidades sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** representação negra; representatividade; imagens de controle; imagens de liberdade; telenovelas.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos como a mídia hegemônica — aqui representada pela Rede Globo de Televisão, a emissora televisiva brasileira de maior audiência na TV aberta (Feltrin, 2023) — pode apresentar, ou não, imagens de controle (Collins, [2000], 2019) quanto possíveis imagens de liberdade (Moura Mendes Guilherme, 2022) de pessoas negras em suas telenovelas no ano de 2023. Por “mídia hegemônica”, referimo-nos ao espaço midiático que é majoritariamente controlado por grandes conglomerados que reproduzem opiniões e disseminam narrativas que, no interior dos conflitos estabelecidos dentro do tecido social, pautam a vida cotidiana dos indivíduos, favorecendo a conjuntura dominante, influenciando opiniões. Mais detidamente, nossa investigação se baseia nas seguintes novelas: 1) a reprise de *Chocolate com Pimenta* (2003); 2) a reprise de *Mulheres Apaixonadas* (2003); a novela das seis *Amor Perfeito*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutor em Mídia e Cotidiano (PPGMC–UFF, 2023), Mestre em Comunicação (PPGCOM–UFF, 2018), Bacharel em Produção Cultural, e-mail: [pedrohenrique.cdossantos@gmail.com](mailto:pedrohenrique.cdossantos@gmail.com).

---

(2023); 4) a novela das sete *Vai na Fé* (2023); e 5) a novela das nove *Terra e Paixão* (2023).

Nosso principal objetivo é perceber como em novelas que estão sendo reprisadas (*Chocolate com Pimenta* e *Mulheres Apaixonadas*) possuem personagens representadas por pessoas negras que têm poucas dimensões, sem profundidade narrativa e que reproduzem certos estereótipos, geralmente associadas a imagens de controle. De maneira comparativa, indicamos como as novelas mais recentes (*Amor Perfeito*, *Vai na Fé* e *Terra e Paixão*) podem, ou não, apresentar possibilidades de imagens de liberdade, por conta do aprofundamento garantido às personagens negras de suas novelas, com estruturas mais complexas no que tange ao processo narrativo e ampliação não só da presença, mas das formas como são apresentados os conflitos das personagens.

Nossa hipótese reside na ideia de que, devido às mudanças recentes de posicionamento da imagem da Rede Globo de Televisão devido às pautas levantadas pelos movimentos sociais de inúmeros segmentos, incluindo os movimentos negros, a empresa de comunicação viu a necessidade de ampliar as formas de representação negras em suas telenovelas. Em outra oportunidade, (Conceição dos Santos, 2022), discutimos sobre a violência simbólica exercida contra pessoas negras na mídia brasileira contemporânea e indicamos como a telenovela *O Clone* (2001), reexibida no programa *Vale a pena ver de novo* em 2021, apresentava (im)possibilidades narrativas de uma de suas personagens negras, a Deusa — interpretada por Adriana Lessa. Ela representa um dos estereótipos que se converteram em imagens de controle: a mulata trágica (Bogle, 1973). Porém, percebe-se uma mudança — estratégica — da emissora que, em 2023, estabeleceu personagens negras como protagonistas em suas três faixas de horário principais (telenovelas das seis, sete e nove), que podem apresentar possibilidades de outras formas de representação.

Metodologicamente, nosso trabalho se debruça em um estudo qualitativo baseado na perspectiva crítica negra. Para tanto, nosso método de coleta se baseia em um recorte geral das novelas, tentando compreender as narrativas apresentadas pelas personagens, método semelhante à maneira como Stuart Hall ([2013], 2016) trabalha em sua proposta investigativa. Assim, nosso método de análise é uma interpretação crítica, baseando-nos nos estudos de Patricia Hill Collins ([2000], 2019), bell hooks ([2014], 2019) e Lélia Gonzalez ([1985], 2020), intelectuais negras que refletiram sobre o papel da representação e dialogam com uma percepção crítica sobre a mulher negra na sociedade.

---

Para discutir sobre os estereótipos de pessoas negras na mídia, recorreremos, também, aos estudos de Bogle (1973) e de Stuart Hall ([2013], 2016) para pensar sobre as marcas estereotípicas de corpos negros.

## AS IMAGENS DE CONTROLE E A COLONIALIDADE

O conceito de imagens de controle foi desenvolvido por Patricia Hill Collins em sua obra *Pensamento Feminista Negro*, publicada originalmente em 2000 nos Estados Unidos; no Brasil, em 2019. De acordo com a autora, as imagens de controle representam um mecanismo de representação estereotípica de mulheres negras, sendo “traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (Collins, [2000], 2019, n.p.). Por “estereótipo” entendemos como a base cognitiva do preconceito, conforme indicam Jablonski, Assmar e Rodrigues (2010), sendo uma forma como outras pessoas enxergam indivíduos e grupos, de maneira simplificada e redutora, sendo um traço notadamente rígido, cristalizado. A grande chave de compreensão das imagens de controle reside em sua capacidade de ser uma ferramenta capaz de entender os mecanismos da matriz de dominação.

As imagens de controle atribuem significados às vidas de mulheres negras que *solidificam a matriz de dominação*. Essas figuras, cuja *gênese é o período escravocrata*, *continuam a ser reformuladas* com o intuito de disseminar na sociedade contemporânea as justificativas que *estruturam o sistema de vigilância e violência* que atravessam o cotidiano das mulheres negras. (BUENO, 2019, p. 69, grifos nossos)

Nesse sentido, Winnie de Campos Bueno (2019) ainda vai indicar que “as imagens de controle são a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada” (Bueno, 2019, p. 69). Sob a mulher negra, o peso do sofrimento é interseccionalizado. A “interseccionalidade” é um conceito amplamente discutido na contemporaneidade e é uma abordagem analítica que se propõe a esmiuçar as inúmeras opressões vividas com o intuito de demonstrar como os marcadores sociais configuram um modo específico de realidade de subalternização. Quem criou o termo, em 1989, foi Kimberle Crenshaw (1989) ao publicar um artigo sobre mulheres negras e suas experiências singulares de discriminação. Porém, é em outro trabalho que vemos uma definição mais detida do conceito: “uma conceituação do problema que busca

---

capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação” (Crenshaw, 2002, p. 177).

Assim, temos que a realidade sofrida por pessoas negras — em especial mulheres negras — tem diversos frutos, mas gostaríamos de nos deter em um ponto importante: a colonialidade. A colonialidade “pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais” (Maldonado-Torres, 2020, p. 36). Essa forma impregnada de formas de opressão pode ser analisada e complexificada através de uma visão crítica, a partir de uma perspectiva complexa que considera os impactos em diferentes esferas da vida. Através da analítica da colonialidade, presente no trabalho de Maldonado-Torres (2020), é possível pensar sobre os modos de ser, saber e poder e suas implicações nas sujeitas — termo que, apesar de fugir da norma culta, é sugerido por Kilomba ([2008], 2019) — negras e nos sujeitos negros. De acordo com o filósofo porto-riquenho,

Ideias sobre o sentido dos conceitos e a qualidade de experiência vivida (ser), sobre o que constitui o conhecimento ou pontos de vista válidos (conhecimento [e saber]) e sobre o que representa a ordem econômica e política (poder) são áreas básicas que ajudam a definir como as coisas são concebidas e aceitas em uma dada visão de mundo. (Maldonado-Torres, 2020, p. 42)

Por isso, quando levamos em consideração as maneiras como as visões sobre o mundo estão colocadas, percebemos a complexidade que fenômenos como o racismo estão inseridos. Isso é possível porque, em Mbembe ([2013], 2018), encontramos pistas de como o discurso sobre pessoas negras — a partir da lógica branca e colonial — é (des)construído (“degradação”, “separação de si” e “desapropriação”), a partir de acontecimentos históricos importantes (*apartheid*<sup>3</sup>, escravidão e colonização). Tal relação é estabelecida através de nosso esforço interpretativo de encarar aquilo que estava presente em seu trabalho. É preciso sinalizar que: 1) a “degradação” se dá através da falta de dignidade que pessoas negras foram expostas historicamente (Mbembe, [2013], 2018, p. 144); 2) a “separação de si” ocorre por meio da “perda de familiaridade consigo mesmo” (Mbembe, [2013], 2018, p. 143) que leva sujeitas e sujeitos a um estranhamento de si e; 3) a “desapropriação” diz respeito ao movimento de expropriação, “caracterizada pela falsificação de si pelo outro” (Mbembe, [2013], 2018, p. 143-144).

---

<sup>3</sup> O apartheid foi uma política de segregação racial realizada pela população branca sul-africana entre os anos de 1948 até 1994, quando Mandela foi eleito presidente (PEREIRA, 2010).

---

Conforme apontamos anteriormente (Conceição dos Santos, 2023), o racismo pode ser encarado nessas estruturas como uma forma de conhecimento, em sentido amplo (saber–apartheid–degradação), como uma ideologia (ser–escravidão–separação de si mesmo) e como uma tecnologia de poder (poder–colonização–desapropriação). Essa relação tríplice coloca o racismo, dentro da ordem da colonialidade, como uma forma complexa, por ser estrutural, estruturante e estruturadora: “estrutural porque é uma das fundações do capitalismo. Estruturante porque estabelece as dinâmicas de desigualdades sociais. Estruturadora por anteceder as lógicas reproduzidas na sociedade” (Conceição dos Santos, 2023, p. 292).

### **AS IMAGENS DE LIBERDADE: DEIXAR DE SER SUBALTERNA?**

O conceito em fase de amadurecimento, assim como descreve Andrielle Cristina Moura Mendes Guilherme, em sua pesquisa *Comunicadoras indígenas e a de(s)colonização das imagens* (2022), de “imagens de liberdade” é “utilizado para descrever as autoimagens e autorrepresentações colocadas em circulação [...] com fins de(s)coloniais” (Moura Mendes Guilherme, 2022, p. 157). Para compreender o que a pesquisadora brasileira intenta discutir e apontar, precisamos entender sobre o trabalho empreendido por ela. Trata-se de um estudo sobre três comunicadoras indígenas brasileiras que utilizam estratégias que visam perturbar a ordem vigente do imaginário dominante.

Daí, temos que “as imagens de liberdade não apenas se opõem à (algo, alguém). Elas são imageadas de modo a liberar o nosso olhar da dependência de modelos, enquadramentos e categorias do pensamento moderno colonial (que se supõe universal, por não se racializar” (Moura Mendes Guilherme, 2022, p. 193). Estamos falando da reivindicação da liberdade, do poder de escolha sobre como sujeitos racializados podem se autodefinir, algo já apontado no trabalho de Patricia Hill Collins ([2000], 2019) como algo essencial nos processos subjetivos de pessoas racializadas. Trata-se do caminho para conseguir respirar e estabelecer uma vida efetivamente, sem depender de formas emolduradas prontas que sufocam a existência.

A prática emancipatória das “imagens de liberdade” nos remete aos trabalhos de Gayatri Chakravorty Spivak ([2008], 2020) e de Paulo Freire ([1968], 2021). Ambos os trabalhos serão analisados a partir de seus títulos. Em *Pode o subalterno falar?* ([2008], 2020), não há discussão de “subalterno”, mas de “subalterna”: a mulher indiana. A

tradução para o português brasileiro impôs uma visão masculinista sobre o trabalho da pesquisadora indiana, ignorando a proposta principal de seu texto que uma análise esmiuçada da realidade de mulheres indianas que precisam lidar tanto com a questão colonial quanto com o machismo, colocando-as em uma posição de silenciamento. Percebemos que o lugar da subalternidade, densamente debatida pela teórica, aparece de maneira explícita através da maneira como seu estudo foi traduzido. Logo, percebemos que uma das questões que implicam na construção de “imagens de liberdade” é o rompimento com a subalternidade através do exercício de colocar suas próprias visões de mundo como relevantes, rompendo com lógicas de opressão.

Sobre o trabalho de Paulo Freire, o ilustre estudo intitulado *Pedagogia do Oprimido* ([1968], 2021), temos uma das ferramentas mais importantes e mais utilizadas por teóricos vinculados a movimentos sociais. A ideia principal do livro é o destaque o pedagogo brasileiro oferece sobre maneiras como empregar processos de conscientização das opressões vividas por pessoas dentro de grupos sociais e como é importante destacar seus próprios modos de vida, lutando contra as estruturas vigentes de dominação que impõe uma visão de “ser mais” entre certos indivíduos e outros (opressores e oprimidos). A pedagogia do oprimido é essencial para a transformação social efetiva, uma vez que se trata do “objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará” (FREIRE, [1979], 2021, p. 43).

Assim, por meio da pesquisa empreendida por Andrielle Cristina Moura Mendes Guilherme, que questiona sobre o quê ou quem essas imagens visam libertar, uma vez que existe, de um lado, os modelos coloniais previamente impostos que racializam certas pessoas; de outro há a reivindicação de escolher como ser visto, enquanto pessoas em situação de subalternização. Percebe-se que, em sua investigação, a pesquisadora brasileira parte de representações que se iniciam de proposições e estratégias dos grupos representados (mulheres indígenas). Esse ponto é importante para pensarmos se há (ou não) possibilidades de imagens de liberdade na mídia hegemônica, o questionamento aqui proposto para a nossa análise.

Nesse sentido, existe uma tensão sobre as possibilidades da utilização do conceito de imagens de liberdade para ser empregado na situação descrita em nossa pesquisa. No entanto, faremos valer do conceito para estabelecer um contraponto entre as imagens que

---

promoveram estereótipos por tanto tempo pela emissora e as representações mais recentes, questionando-nos se é possível sua utilização em nossos termos.

### **É POSSÍVEL IMAGENS DE LIBERDADE NA MÍDIA HEGEMÔNICA?**

A partir das reflexões discutidas acima, nossa análise centra-se na falta de narrativas complexas nas personagens negras de *Chocolate com Pimenta* e *Mulheres Apaixonadas*, a partir das personagens Selma — interpretada por Juliana Alves — e Pérola, também conhecida como Rita de Cassia da Silva Rodrigues — interpretada por Elisa Lucinda —, indicando histórias de abandono e/ou conflitos de negação de relacionamentos, principalmente interraciais, como a representação da “mulata trágica” do cinema estadunidense (Bogle, 1973), reencenada e atualizada à realidade brasileira.

A “mulata trágica” é uma das categorias utilizadas no estudo de Donald Bogle (1973, p. 9) sobre os estereótipos presentes no cinema estadunidense, sendo representada por mulheres negras de pele mais clara ou feições mais finas — ou seja, que tem “sangue branco” —, tornando-a uma personagem mais “apreciada” pelo público branco. Ocorria que, mesmo assim, por ser a mistura de raças, a “mulata trágica” deveria sofrer penalizações diversas, o que a torna uma personagem infeliz com desenvolvimento narrativo que impõe um lugar de tristeza e/ou solidão. Ainda que não seja uma das imagens de controle listadas por Patricia Hill Collins ([2000], 2019), trata-se de um estereótipo que permeia o imaginário social e midiático e, portanto, consideramos como uma imagem de controle.

No caso das personagens citadas acima, não é diferente. O racismo foi o obstáculo para o namoro entre Selma e Maurício — interpretado por Victor Pecoraro — ao longo de toda a história de *Chocolate com Pimenta*, e seu par romântico não luta em prol do estabelecimento de seu namoro. A personagem ainda possui outros pretendentes, mas ainda assim não ter um final em que se explicita um namoro: durante um casamento, o casal aparece em uma cena que leva o telespectador a crer que eles estão juntos. Ou seja, fica tudo subentendido.

Já no caso de Pérola, temos um processo curioso. Ela se relacionou com Téo — interpretado por Tony Ramos —, tendo um caso que gerou sua filha Luciana — interpretada por Camila Pitanga. Percebemos que se trata de um relacionamento interracial que foi apontado como uma relação que não foi categorizada como “casamento”, um ponto importante de se destacar. Posteriormente, a personagem se

---

envolve com Ataulfo — interpretado por Laércio de Freitas —, que tem como fruto desse relacionamento Jairo — interpretado por Diego Jack. Apesar de não ser totalmente infeliz, o que poderia “neutralizar” a possível imagem de controle de “mulher trágica”, a solidão da mulher negra, principalmente em relacionamento interraciais, aparece de forma subentendida. A personagem não aparece tanto e não possui destaque na história, apesar que sua filha sofre ao longo da trama com desilusões amorosas, ainda que termine com seu par romântico inicial (Diogo, interpretado por Rodrigo Santoro).

No que diz respeito às novelas *Amor Perfeito*, *Vai na Fé* e *Terra e Paixão*, a partir das personagens Orlando Gouveia (Diogo Almeida), Sol, também conhecida como Solange da Silva Carvalho (Sheron Menezes), e Aline Barroso Machado (Bárbara Reis), percebemos uma pluralidade de tensões e de atitudes assumidas, além da posição de protagonismo que garante maior complexidade em suas narrativas e sendo possibilidade de quebra de tal estereótipo (imagem de controle) de falta de narrativa e/ou apenas sofrimento.

Orlando é um médico respeitado na trama das seis da Rede Globo e possui um relacionamento interracial com Marê — interpretada por Camila Queiroz —, sendo ainda disputado pela vilã Gilda — interpretada por Mariana Ximenes —, outra personagem branca. Ele possui um desenvolvimento dramático bem mais detalhado, principalmente quando levamos em consideração que ele tem um passado mal resolvido, um histórico familiar, nome e sobrenome, entre outras características narrativas que complexificam a compreensão dessa personagem. Além disso, são exploradas diversas facetas, como um bom profissional, alguém que precisa aprender com os erros do passado, alguém que desenvolve relações afetivas tanto como par romântico quanto como pai, pontos os quais são aprofundados ao longo da trama e que ganham mais camadas.

O mesmo ocorre com Sol, uma mulher trabalhadora e que, ao mesmo tempo que ama os bailes periféricos, também é evangélica. Ainda, ela tem um fascínio imenso pelo mundo artístico, ainda que se dedique à família e se esforce através de outros campos de trabalho, como seu trabalho exposto nos primeiros capítulos: vender quentinhas. Ela também tem um desenvolvimento dividido em diversos arcos dramáticos, desde a morte de seu marido, passando pelo passado com relações controversas e um futuro que guarda um relacionamento amoroso com o advogado Benjamin — interpretado por Samuel de Assis —, alguém do passado que foi separado diante de pessoas que não gostariam de ver



---

o relacionamento deles. Sol possui inúmeras qualidades exploradas ao longo de toda telenovela e possui um final feliz.

Por fim, temos Aline de *Terra e Paixão* que, apesar de possuir uma história de muito sofrimento e luta para garantir o que é de seu direito (as terras de sua família), sua personalidade exala qualidades importantes enquanto protagonista de um folhetim. Na trama, a personagem é vista como uma mulher forte e que enfrenta todos sem ter medo daquilo que pode acontecer com ela, superando obstáculos que aparecem em sua vida. Além disso, em vários momentos ela estabelece vínculos românticos com personagens, inclusive sendo disputada por dois irmãos.

Percebemos que há uma tentativa de complexificação das imagens produzidas pelas personagens negras protagonistas das novelas reproduzidas nas principais faixas de horário televisivo da Globo em 2023. No entanto, isso não significa que suas imagens, resultado gerado pela reivindicação de grupos de movimentos sociais negros, priorizam uma visão “do negro sobre o negro”, na visão proposta pelo conceito de imagens de liberdade. Obviamente, percebe-se a complexificação narrativa e a ampliação das tramas vividas por personagens negras. No entanto, isso não significa, ainda, a superação dos aspectos coloniais representados na mídia hegemônica, que insiste enxerga a representatividade como uma moeda de troca: quem sai ganhando é a empresa que é vista como alguém que respeita a diversidade racial. A partir do capital de representatividade (Conceição dos Santos, 2023), percebemos que os modos de reprodução controlados por empresas refletem o que pode, ou não, ser representado e de que maneira o é.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS OU ENCAMINHAMENTOS FUTUROS**

Como resultados prévios de nossa investigação, a aplicação do conceito de imagens de liberdade pode não ser o ideal para descrever as representações que estão presentes na mídia hegemônica, pelo menos não no que diz respeito ao universo das telenovelas da Rede Globo e suas personagens protagonistas das telenovelas de suas principais faixas de horário em 2023, ainda que sejam um avanço quando comparadas com as novelas reprisadas.

No entanto, é necessário destacar que as novelas mais atuais representam possibilidades de mudança, de liberdade das amarras de outro momento, gerando contradições e expectativas no público, que, ao mesmo tempo, espera mudanças para garantir seu sentimento estético-política de representatividade. Mesmo assim, esse

mesmo público continua reivindicando outras representações que ainda não configuram o espaço televisivo da emissora. Trata-se de uma disputa que precisa ser tensionada e encarada de maneira mais ampla em estudos sobre representação, visando compreender o que está para além dela.

Não se trata apenas sobre o que está certo ou errado nas representações, como nos indica bell hooks ([2014], 2019) em seu estudo sobre a representação negra. Precisamos, como pessoas racializadas, enxergar de outra maneira: para além do que já está posto. Esse é o exercício que Andrielle Cristina Moura Mendes Guilherme (2022) nos indica ao propor a ideia de “imagens de liberdade”, demonstrando que há outras formas de produção de imaginário que estão fora de uma lógica necessariamente moderna e colonial. Novas imagens precisam aparecer para que se garanta a representatividade de maneira mais efetiva, tanto em sua dimensão qualitativa quanto quantitativa<sup>4</sup>. A partir de nossa própria história, novas formas de se imaginar o mundo podem surgir.

## REFERÊNCIAS

BOGLE, Donald. **Toms, coons, mulattoes, mammies, and bucks: an interpretive history of blacks in American films.** New York: The Viking Press, 1973.

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura na obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle.** Orientação: Dr. José Rodrigo Rodriguez. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito), Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8966>. Acesso em: 30 jan. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. (2000). **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2019. (recurso eletrônico)

CONCEIÇÃO DOS SANTOS, Pedro Henrique. Sobre a violência simbólica contra pessoas negras na mídia brasileira contemporânea. *In: Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura*, 16., 2022, Sorocaba, SP. **Anais eletrônicos [...].** Sorocaba, SP: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso, 2022. Disponível em: <https://epecom.uniso.br/trabalhos-2022/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

---

<sup>4</sup> “Em vista de uma definição mais precisa, afirmamos que a representatividade é o sentimento político-estético de se sentir representado. Esse sentimento surge a partir de duas dimensões, uma qualitativa e outra quantitativa. Na esfera qualitativa, a representatividade está inserida em uma perspectiva que a figura de quem representa respeita os aspectos identificatórios de um determinado grupo, promovendo a possibilidade de construções subjetivas e identitárias, enquanto gerador de reconhecimento. Enquanto isso, a esfera quantitativa diz respeito ao valor e importância da representatividade enquanto percurso ético para o desenvolvimento social de maneira mais igualitária, ou seja, como uma garantia da participação de pessoas em situação de subalternização nas mais diversas esferas da vida.” (Conceição dos Santos, 2023, p. 212)

CONCEIÇÃO DOS SANTOS, Pedro Henrique. **O mito da publicidade antirracista ou sobre o capital de representatividade**: por outra ética publicitária. Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Bragaglia. 2023. 335 f. Tese (Doutorado em Mídia e Cotidiano) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race na Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, Illinois, United States, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 28 mai. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, on-line, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 28 mai. 2023.

FELTRIN, Ricardo. Streaming e TV paga já têm quase metade mesmo público da Globo. **Splash UOL**, [S. l.], 10 abr. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2023/04/10/streaming-e-tv-paga-ja-tem-quase-mesmo-publico-da-globo.htm>. Acesso em: 14 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. (1968). **Pedagogia do Oprimido**. 77. ed. Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP: Paz e Terra, 2021.

GONZALEZ, Lélia. (1979). A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. (2013). **Cultura e representação**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. PUC-Rio: Apururi, 2016.

hooks, bell. (2014). **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019. (recurso eletrônico)

JABLONSKI, Bernardo; ASSMAR, Eveline Maria Leal.; RODRIGUES, Aroldo. Preconceito, estereótipos e discriminação. In: JABLONSKI, Bernardo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KILOMBA, Grada. (2008). **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. 3. reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020. (p. 27-53).

MBEMBE, Achille. (2013). **Crítica da razão negra**. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018.

MOURA MENDES GUILHERME, Andrielle Cristina. **Comunicadoras indígenas e a de(s)colonização das imagens**. Orientador: Dr. Juciano de Sousa Lacerda. 2022. 289 f. Tese (Doutorado em Estudos de Mídia) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/49569>. Acesso em: 16 ago. 2023.

---

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. A África do Sul independente: segregação, Apartheid e transição pactuada (1994-2010). In: VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. (Orgs.). **África do Sul: história, estado e sociedade**. Brasília, DF: FUNAG/CESUL, 2010. Disponível em: [http://funag.gov.br/loja/download/709-africa\\_do\\_Sul\\_-\\_Historia\\_Estado\\_e\\_Sociedade.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/709-africa_do_Sul_-_Historia_Estado_e_Sociedade.pdf). Acesso em: 14 jul. 2023. (p. 35-64).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. (2008). **Pode o subalterno falar?**. 4. reimp. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2020.